



## SUPERESPORTES

**ORIENTE MÉDIO** Apesar do clima de insegurança em países árabes, sensação é de tranquilidade no meio esportivo. Atletas e técnicos de Brasília são atraídos por melhores contracheques numa região em que o futebol ainda engatinha

# Onde resta um pouco de paz

Ele trançou a faculdade de educação física, deixou família e amigos para trás com um destino certo. Durante a viagem de 21 horas entre Brasília e Riad — a capital da Arábia Saudita —, fez escala em São Paulo e na Etiópia. Mas a parada final ainda estava a cinco horas de carro dali, em Ar Rass, cidade com 133 mil moradores na província de Al Qassim. Só um sonho para explicar tanta estrada: Rodrigo Campos, 24 anos, pretende seguir carreira de técnico de futebol fora do Brasil. O caminho internacional começou no Al Kholoud, em junho, a convite do treinador gaúcho Rodrigo Ferrari.

Os relatos de guerras e conflitos nos países vizinhos não chegam aos ouvidos dele, mesmo vivendo num país marcado pelo extremismo religioso. O clima, segundo Rodrigo, é de segurança e tranquilidade. O medo avançado pelo terrorismo parece não alcançar o futebol, por sinal. Cinco jogadores entrevistados pelo *Correio* relatam uma convivência pacífica em locais minados pela guerra ou bem próximos dela: Catar, Emirados Árabes e Iraque, além da Arábia Saudita.

“Você tem segurança total. Os árabes deixam o carro ligado com ar-condicionado no estacionamento do shopping e vão passear, para quando voltarem o carro estar fresquinho. Você pode sair com o dinheiro abandonando na rua, não tem perigo”, conta o treinador Miluir Macedo, que, aos 68 anos, treina o 20º clube na carreira, o Al Dhaid, da cidade de mesmo nome dos Emirados Árabes, a 45 minutos de Dubai. Tanto os Emirados Árabes quanto a Arábia Saudita têm investido em treinadores de diversas partes do mundo para aprimorar a técnica dos jogadores. Desde então, chegaram profissionais até da Espanha, da Holanda e da Itália.

Nascido no Rio Grande do Norte e morador de Brasília desde 1960, Miluir conhece bem o contraste entre o futebol árabe e

Abbas Momeni/AFP



Torcedores assistem a Arábia Saudita x Palestina, numa praça em Riad: brasileiros têm aproveitado avanço no nível do futebol no Oriente Médio, atuando como jogadores ou técnicos

o brasileiro. Por lá, o início do profissionalismo deixa o jogo mais rápido e duro, mas há uma maior obediência com as orientações do técnico; aqui, reina a criatividade. Na hora de transpor a realidade, quem sai daqui precisa tirar os palavrões do vocabulário. “O jogador já vem rindo para você e fala um palavrão achando que é engraçado”, repete o pioneiro candango, que chega a mostrar vídeos a fim de apontar os erros cometi-

dos pelos atletas. “Eles são respeitadores, aceitam. E observam muito.”

## Primeira Copa

O Catar sediará a Copa do Mundo de 2022 sem jamais ter disputado a competição. A situação tem feito o país investir no aprimoramento do futebol. O lateral-direito brasileiro André Rangel, 21, com passagens por Portugal, está há quase três me-

ses no Al Arabi e se surpreendeu com a quantidade de contêrreos no país. “Conheço de 10 a 15 jogadores brasileiros, mas deve ter uns 30”, enumera.

O Iraque até teve o gosto de disputar um Mundial, México-1986, quando perdeu as três partidas que participou. Nem a má campanha deixou o futebol de lado. Campeão da Copa Verde pelo Brasília, o atacante Claudcir, 27, está na expectativa de ser o novo reforço de algum clube de

lá: ele está no país treinando, passou pelo Al Kar durante a pré-temporada e despertou a atenção com a habilidade em campo. Por isso, tem recebido alimentação, salário e hospedagem do empresário para continuar por lá. “Aqui tem limite de estrangeiro por cada equipe, são quatro. Mas o agente que me trouxe gostou de mim e está fazendo de tudo para que eu fique”, conta.

Ao menos cinco outros brasileiros atuam no Iraque. A quali-

dade de vida oferecida pelas equipes é o principal atrativo. “O clube tem uma estrutura fantástica, com estádio próprio, centro de treinamento, sauna, restaurante”, descreve Claudcir. Ele ainda avalia, porém, que a maior experiência no esporte se deu no Brasiliense. “No futebol, você tem de matar um leão por dia, e, no Brasiliense, tem que matar dois. O Jacaré foi para mim um dos times mais difíceis de jogar”, relembra.

## Síria: não sobrou brasileiro

Nenhum brasileiro atua no futebol sírio desde 2013. “Posso te garantir que não sobrou nenhum por lá. Nesses clubes, fui o último”, conta o meia Gilson Tussi, 31 anos. Ele voltou ao Brasil naquele ano, após uma norma proibir a presença de jogadores estrangeiros na Síria. Motivo: os bombardeios cada vez mais intensos por lá, pelo fato de o país abrigar a maior parte dos extremistas do Estado Islâmico (EI) e ser o mais atingido pelo grupo. Além de destruir cidades, a guerra levou clubes à falência. E, para manter competições niveladas, a nova regra é que só nativos disputem o Campeonato Sírio.

“Como meu clube não conseguiu vaga na Liga dos Campeões da Ásia, vim embora”, conta o meia curitibano, que defendeu o Santos-AP na última Série D. Se o Al-Shorta tivesse se classificado, Gilson provavelmente continuaria, pois a regra abre exceção para a disputa de campeonatos internacionais. E ele jura que, se pudesse, teria continuado. “Pagavam em dia um valor alto, davam para nós uma vida diferente da do povo sírio. O estrangeiro mora numa casa boa, tem um carro muito bom, então eles davam todo o suporte para que a gente não fosse embora”, lembra.

Apesar das regalias, o treinador Paulo Silva, que comandou o Al-Shorta por três meses — de agosto a outubro de 2013 —, tem outra opinião. “Hoje, do jeito que está, não voltaria, porque estou sabendo que a própria capital es-

Stringer/Reuters - 6/3/13



Gilson Tussi (E) foi o último brasileiro a deixar a Síria, quando estrangeiros foram proibidos de atuar no país

*“Pagavam em dia um valor alto, davam uma vida diferente da do povo sírio. O estrangeiro mora numa casa boa, tem carro bom. Davam todo o suporte para a gente não ir embora”*

Gilson Tussi, meia, ex-jogador do Al-Shorta (Síria)

tá sendo atingida. Não tenho interesse”, afirma. Ele e Tussi admitem que os clubes se esforçavam para mantê-los por lá. Uma das táticas era manter a guerra em segredo. As tragédias não chegavam aos ouvidos dos jogadores, mesmo porque “quem fala tem repressão”, relata Silva. Gilson concorda: “Eles conversavam muito entre eles, e deixavam a gente meio de fora da situação”.

Na Síria, os clubes são nomeados como “time da polícia” (significado de Al-Shorta), por exemplo, ou “time do exército”. As entidades de segurança que os comandam são as mesmas que escoltam e organizam as saídas e entradas no país. “Corríamos risco o tempo todo, mas não era um risco muito considerável, dava para continuar

lá dentro”, conta Gilson. A capital síria, Damasco, de forma geral, era mais segura, e os ataques aconteciam na periferia, ele conta. “Escutei rajada de metralhadora, mas não na minha frente.”

Silva narra que o policiamento pelas ruas era feito por meio de policiais armados com fuzis. O susto aumentava pela maneira como eles se vestiam: cidadãos comuns, nada de uniformes, segundo o treinador. Apesar de gostar da Síria, Gilson guarda uma triste imagem do país: “O que realmente me chocou muito foi ver muitas pessoas morando em praças, porque perderam casas devido à guerra. Ver as crianças era o pior”. Ele lembra que, já em 2013, aumentava o fluxo de imigrantes nas fronteiras.

## Salário alto e shopping de luxo, mas nada de Netflix

De forma geral, é o dinheiro que motiva a saída para o Oriente Médio. “O salário é mais alto, o tratamento é melhor, o conforto é maior. Aqui, a gente realmente se sente jogador de futebol”, diz o atacante Claudcir. As cidades do Catar, além disso, são conhecidas por ostentar muitos e luxuosos shoppings. “Tem quase tudo: pista de kart, pista de patinação no gelo, cinema, lojas do mundo inteiro. Tem uma imitação do canal de Veneza dentro de um shopping, para você ter ideia da grandezza”, narra André Rangel, que mora em Doha.

Com tanto conforto, as maiores dificuldades são a língua e o fuso horário. O técnico Rodrigo Campos, desde junho na Arábia Saudita, continua com a rotina regida pelo tempo do Brasil. Dorme às 6h, acorda às 14h e toma “café da manhã” para começar a trabalhar às 16h30. Depois das 20h, quando acaba o expediente, aproveita para conversar com a família e estudar árabe,

pois poucos no time conseguem se comunicar em inglês.

A diversão fica por conta de shoppings, restaurantes e dos pontos turísticos. Na Arábia Saudita, por exemplo, não há cinemas. “Nem o Netflix é liberado no país”, lamenta Rodrigo. Justamente pela falta de diversidade no lazer, ele não sente necessidade em se adequar ao fuso horário do país. Para fugir da censura imposta, os árabes baixam filmes na internet e constroem cinemas particulares dentro de casa.

E, sobre saudade, família é o que mais faz falta. André comemorou o aniversário de 21 anos em novembro, longe de casa. Mas diz não se incomodar, afirmando que precisa aprender a conviver com o sentimento. Apesar da conformidade e de garantir que a adaptação é tranquila, ele faz a reclamação mais típica de um brasileiro em solo estrangeiro: “Sinto falta de feijão, que aqui eles servem pela manhã e não no almoço”.

Arquivo pessoal



Antes de ir ao Oriente Médio, Miluir Macedo (D) treinou o Sporting Lisboa

